



A lagartixa e o jacaré

O *Jornal Nacional* da TVI tinha muito espalhafato? Tinha, mas tinha as notícias certas no lugar certo do alinhamento. Foi por isso que acabou

Podia conhecer-se por outra via algumas das notícias dadas pelo *Jornal Nacional* da TVI? Podia, só que não é a mesma coisa

Há benefício do infractor? Claro que há. O que é que muda sem o *Jornal Nacional* da TVI? Muita coisa e em tempo útil, ou seja, a tempo de evitar alguns problemas numa campanha eleitoral que se decide por milímetros.

É que não é a mesma coisa dar notícias incómodas para o Governo e não as dar. E o *Jornal Nacional* da TVI dava-as e nunca foi desmentido na factualidade dessas notícias.

O problema nunca foi o estilo de Manuela Moura Guedes, mas sim as notícias que ela dava. Quem quiser fazer a confusão com o secundário que a faça. Mas quantas televisões passariam o DVD de Charles Smith? A RTP com certeza que não. Por razões deontológicas? Duvido, porque quando se trata de matérias que não têm qualquer sensibilidade política não se coíbe de passar coisas bem piores. Por exemplo, a RTP esta semana entrevistou uma criança, a menina que a mãe levou para a Rússia, em violação de qualquer código deontológico.

Com certeza o critério de interesse público mais que justificava que se conhecesse o conteúdo do DVD, falsíssimas que sejam as acusações, porque existe e tem um papel central numa investigação policial envolvendo actos públicos. Alguém imagina que a CNN o não passasse, ou a BBC? Os jornalistas da casa fariam um levantamento. Cá, quem dá notícias é penalizado.

É que não é a mesma coisa pegar numa notícia (sobre o caso Freeport, por exemplo) e fazer jornalismo de investigação, ir aos arquivos, ver quem são as pessoas (foi assim que se identificou um grupo de pessoas que gravitam sempre à volta de tudo, da Universidade Independente aos processos do concurso e adjudicação da obra da central de tratamento de lixo da Cova da Beira, etc., etc.), fazer perguntas concretas aos envolvidos (foi o que produziu o "tio" e as suas declarações), tentar obter esclarecimentos adicionais, etc. – ou seja, ser proactivo com a notícia, ou dá-la com tantos "alegados" por metro



quadrado que mesmo quando aparece o "tio" se imagina o "alegado tio".

É que não é a mesma coisa colocar uma notícia sobre um caso deste tipo a abrir um telejornal ou escondida numa parte menor do alinhamento, quando já não se pode deixar de falar disso, como fez no início do caso Freeport a RTP. É a mesma notícia, mas não tem o mesmo impacto, a própria televisão a desvaloriza.

E, depois, evitar a todo o custo discutí-la. Lembrem-se do *Prós e Contras* que foi feito a "pretexto" do caso Freeport? Tudo alcatifado, tudo ao lado, tudo sem as perguntas certas, sem os intervenientes que podiam dar as respostas mais esclarecedoras. Mais para matar o caso do que para o analisar.

Ora, em todas as televisões de uma democracia, o caso Freeport, por exemplo,



abriria sempre os noticiários, seria objecto de análises exaustivas e efectivamente contraditórias. O *Jornal Nacional* da TVI tinha muito espalhafato? Tinha, mas tinha as notícias certas no lugar certo do alinhamento. Foi por isso que acabou. •

Batam lá à porta do Governo para ver quem atende

Transformem-se em fantasma e batam às portas dos gabinetes de S. Bento e dos edifícios governamentais. Onde está o primeiro-ministro? Não sei, Senhor Fantas-

ma, deve estar a inaugurar uma primeira pedra, ou a entregar um computador, ou um diploma das Novas Oportunidades, que já não o vemos há muito tempo.

E quem gere a crise? Não sei, Senhor Fantasma, o único que eu vejo a trabalhar no seu cantinho é o ministro das Finanças que agora também é da Economia, e que está lá enterrado numa mesa rodeado de papéis por todo o lado. Mas sabe, Senhor Fantasma, que não dá vazão. E agora pediram-lhe também para ir a um comércio dizer umas coisas e ele não tem muito jeito.

Mas, e os ministros? Ah!, isso, Senhor Fantasma – também não estão cá, andam também a inaugurar primeiras pedras, obras que se vão talvez fazer para 2014.

Então quem governa para os portugueses, quem está a gerir a “crise”? Ninguém, Senhor Fantasma, a não ser que os portugueses se chamem televisão, esses coitadinhos andam a correr aflitos atrás de tanta primeira pedra. Então a RTP não tem descanso. •

A festa do Avante!

A Festa do *Avante!* é um caso único em Portugal e tem muito a ver com a idiosincrasia social e cultural do PCP. Ela vive de uma microcultura criada pela longa participação do PCP na vida política portuguesa, que marcou em várias regiões do País (Alentejo, Margem Sul, etc.) sucessivas gerações de portugueses. Vem de pais para filhos e faz parte das tradições locais. Desse ponto de vista, como dizem os comunistas, a Festa é “única”. E tanto mais “única” quanto numa altura de despolitização permanece um dos raros mo-

mentos em que milhares de pessoas se juntam com pretexto na política (outra, muito diferente em muitos aspectos, mas semelhante em alguns, é a festa do PSD da Madeira, no Chão da Lagoa).

Toda a gente sabe que a Festa do *Avante!* não nos dá música de forma inocente. A Festa tem um papel essencial na identidade comunista, no financiamento do PCP, na política do partido e mesmo na sua propaganda para fora, na sua “marca”, como agora se diz. Mas, dito tudo isto, quando se pergunta se a Festa “puxa para cima” ou “puxa para baixo”, se o modelo é o Quim Barreiros (que eu presumo que os comunistas também apreciam) ou outra coisa, com livros, ópera, debates, exibição da diversidade nacional nem que seja na gastronomia popular, que alguns pavilhões exibem com orgulho local, tenho de concluir que “puxa para cima”. Dito de outra maneira, a Festa do *Avante!* é uma das raras iniciativas partidárias que, concorde-se ou não com o PCP, hoje dignificam a vida política nacional. •

